

PERTURBAÇÃO NARCÍSICA DA PERSONALIDADE: DESCRIÇÃO E COMPREENSÃO

Trabalho realizado na cadeira de Psicopatologia do 3º ano da licenciatura em Psicologia

2010

Diogo Alexandre Delgado Neto Ventura

Ana Pedro

Estudantes da Licenciatura em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, Portugal

Docentes:

Mestre Nuno Alvarez
Maria da Purificação Horta

E-mail:

ventura.dmb@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objectivo compreender a perturbação narcísica da personalidade, descrever os seus mecanismos, manifestações e conhecer as suas causas. Consta no DSM-IV-TR como uma organização de personalidade em que o sujeito manifesta pensamentos grandiosos em relação a si, grande necessidade de reconhecimento e admiração por parte dos outros, arrogância e falta de empatia nas relações.

Palavras-chave: Narcisismo, Ego

É bastante conhecido o personagem Narciso da mitologia grega. Era um jovem bastante belo, confinado pelos deuses a nunca se conhecer a si mesmo e condenado a um amor impossível de consumir. Despertava o amor das jovens gregas e das ninfas, mas era arrogante e desprezava-as porque, em sua soberba, era insensível e indiferente. Um dia Narciso, tentando saciar sua sede, aproximou-se da fonte de Téspias e apaixonou-se pela sua própria imagem ao vê-la reflectida na água. Sentira uma nostalgia tão forte que se lançou à água para se unir àquele por quem se apaixonara – ele próprio.

As primeiras associações do mito de Narciso a dificuldades psicológicas tiveram a autoria de Havelock Ellis e Alfred Binet. Ellis em 1898, descreveu os casos da homossexualidade como o amor de uma pessoa pelo reflexo de si mesma reflectida numa outra do mesmo sexo e o caso de mulheres cativadas pela própria imagem ao espelho (cit por Holmes, 2001). Binet comparou-o a um fetichismo em que a própria pessoa se tomava como objecto sexual (Macedo, 2005). No entanto, o primeiro autor a introduzir o termo *narcisismo* no campo da psiquiatria foi Paule Nacke, em 1899, referindo-se aos sujeitos que tratavam o seu próprio corpo da mesma forma que um objecto sexual é tratado, contemplando-o e acariciando-o até obter satisfação completa através dessas actividades (Roriz, 2006; Macedo, 2005). Nacke, ao considerar o amor-próprio um indicador de saúde psicológica, refere que a diferença entre este e o narcisismo encontra-se ao nível de uma auto-admiração de natureza mórbida (cit por Holmes, 2001).

Contudo, um dos principais autores do narcisismo foi Freud. Aproveitando-se da mitologia grega para desvendar o inconsciente humano, serviu-se do mito de Narciso para descrever e ilustrar esta condição psíquica, não só a colocando como uma condição patológica, mas também como uma fase essencial e estruturante no desenvolvimento humano. A sua ideia base é a de que o narcisismo (narcisismo primário) é uma forma de sexualidade infantil necessária ao desenvolvimento, situada entre o auto-erotismo e o amor objectal, em que o Eu se torna objecto de investimento libidinal (Macedo, 2005). À fase de auto-erotismo é somada uma imagem unificada do Eu que ainda é uma mera diferenciação do não-Eu, isto é, compreensão do interno e externo e de que se é um Eu separado do Outro. Assim, a criança passa de uma sexualidade em que a satisfação é anárquica e desarticulada de um todo (realizada parcialmente no corpo) para uma sexualidade investida na nova unidade adquirida de representação de si, que é complexa, total e vivida como possuidora de toda a perfeição e onnipotência (Freud, cit por Macedo, 2005; Wittels, et al, 1994). Esta nova organização psíquica de Eu perfeito é, denominada por Freud, de ego ideal e é adquirida através do investimento libidinal do Outro na criança.

“Se prestarmos atenção à atitude dos pais para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. (...) O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é se não o narcisismo dos pais renascido, o qual transformado em amor objectal, inequivocamente revela sua natureza anterior.”

(Freud, cit por Magalhães, 2004, p.54)

Freud refere-se a esta posição em que o bebé é colocado como “sua majestade o bebé”. Esta forma particular de pensamento resulta da projecção dos pais no filho – o efeito da linguagem e acções dos pais revelam a troca da consciência crítica por uma imagem idealizada. Tal projecção é introjectada pelo bebé sob a forma de ego ideal (Wittels, et al, 1994). Esta é a entrada no narcisismo primário, a forma mais primitiva de Eu, no qual a criança obtém prazer em si mesma

ao se achar ideal para aquela que cuida dele. Contudo, esta relação dual (mãe – bebé) é, a dada altura, interrompida pela relação edípica. A entrada do pai na relação rompe a completude até então vivida pela criança, que deixa de ser perfeita para a sua mãe – esta é a primeira ferida narcísica do ser humano (Freud, 1992). Deparando-se com a sua incompletude, a criança vê-se confrontada com um ideal que não é ela (o ego não é mais igual ao ideal) e com o qual se compara (o ego passa a ter ideias) (Braconnier, 2000; Macedo, 2005). Depois desta reconstrução psíquica, o investimento libidinal deixa de ser feito em si mesmo para passar a ser feito no objecto, embora uma parte da carga libidinal se mantenha no Ego, regulando a auto-estima (Freud, 1992; Wittels, et al, 1994). Esta nova forma de investimento é forçada pelas pulsões de auto-conservação, que pretendem agradar e reconquistar o amor do Outro para obter de novo as satisfações da perfeição narcísica – narcisismo secundário (Braconnier, 2000; Holmes, 2001). O narcisismo secundário é, portanto, uma forma de investimento objectal que assegura necessidades narcísicas: o sujeito investe no objecto e o objecto devolve esse investimento no sujeito, sob forma de sustento da auto-estima e da identidade do Eu (Macedo, 2005).

A auto-estima está intimamente ligada com a libido narcísica, sendo que na escolha narcísica de objecto, a finalidade é ser amado. Esta é a demanda narcísica que Freud considera ser a condição humana – uma exigência de satisfação interna constante, moldada pelas exigências externas, que visa a adaptação e a satisfação em si mesmo, mas que é impossível de ser realizada, sendo o sentimento de falta essa condição (Freud, 1992; Roriz, 2006; Vaz, 2006).

As causas da perturbação narcísica de personalidade estão relacionadas com estes aspectos de desenvolvimento atrás referidos, com o ambiente externo em que o Eu e a personalidade se desenvolvem e onde as formas particulares de sexualidade percorrem o seu curso, devendo ser eficazmente superadas. Quando a realidade externa gera sofrimento, um dos caminhos alternativos é o ser humano tornar-se auto-suficiente e buscar satisfação em si mesmo. A introversão pode ser uma das vicissitudes da pulsão, revelando-se o investimento no próprio Eu como uma forma de lidar com as decepções, frustrações e sofrimentos resultantes do contacto com a realidade (Freud, cit por Vaz, 2006). No fundo, a demanda narcísica atrás mencionada acaba por tomar proporções exageradas e formas de satisfação alternativas quando o ambiente externo desenvolve egos fracos e fragilizados ou tem efeitos negativos e traumáticos. Jeremy Holmes (2001) refere que, quando analisados, os sujeitos com perturbações narcísicas julgam ter sido indesejados na infância ou adoptados; consideram-se os responsáveis pelas depressões pós-parto das suas mães e pelo abandono dos seus pais. Todos estes factores apontam, de acordo com o autor, para uma representação narcísica de si frustrada. Assim, a estabilidade psicológica depende da capacidade de se formar uma relação de apego segura em idade precoce, para que se obtenha uma base segura externa da realidade e uma base segura interna de si. Esta relação é saudavelmente narcísica, no sentido em que o outro é visto como estando ali para garantir a segurança e conforto do sujeito mas, por vezes, a ruptura ou falta deste tipo de relação tem como

consequências fenómenos narcísicos em que o sujeito se usa a si próprio como uma base de substituição da relação que perdeu, lhe falta ou é negativa (Holmes, 2001).

“A realidade só pode ser investida se possibilitar alguma forma de prazer e satisfação. Inversamente, a tendência a desprender-se do outro, a aniquilá-lo na sua vida psíquica, manifesta-se quando a realidade se torna traumática para o sujeito, fonte de frustrações e de ódio.”

(Fuks, 2003, pg. 1)

Logo, a razão pela qual há retirada da libido do exterior para si mesmo consiste na forma que o sujeito encontra para lidar com a realidade que lhe é traumática e dolorosa. As manifestações de perturbação narcísica resultam de uma tensão criada entre factores externos e internos, que são, de acordo com Kristeva (cit por Fuks, 2003), carências narcísicas ao nível da identificação, auto-reconhecimento e auto-estima não suprimidas.

Kohut (cit por Fuks, 2003) explica as perturbações narcísicas como mecanismos de defesa que podem surgir por duas vias: a primeira é a perda ou afastamento de uma figura de vínculo, de um objecto idealizado ou de uma posse valorizada – esta perda, em estados precoces, constitui um trauma que põe em causa a auto-estima e desestrutura o funcionamento psíquico, especialmente quando não há figuras de substituição que lhe devolvam a segurança e confiança perdidas. A segunda via é a aproximação excessiva: a total satisfação das necessidades narcísicas não abrem espaço às frustrações que potenciam o desenvolvimento e que garantem um contacto com a realidade. Mais tarde, revela-se uma ausência de competências contra contrariedades e situações que diminuam o poder e o domínio do sujeito, manifestando-se, por um lado, perda de controlo e agressividade ou, por outro, isolamento e fuga.

“O indivíduo vulnerável responde à ferida narcísica real com um retraimento vergonhoso ou com fúria narcísica.”

(Fuks, 2003, pg. 3)

Assim, quer pelas falhas dos objectos na satisfação das necessidades narcísicas, quer pela excessiva satisfação, o sujeito cria defesas para lidar com a angústia de perda da identidade sentida no contacto com o real.

Estes pontos de vista trazem argumentos que explicam a razão porque, perante o sucesso alheio, o narcisista pode apresentar dois modos distintos de funcionamento. Quando o outro obtém elogios, aprovação ou reconhecimento, o narcisista tenta destruí-lo ou entra num silêncio profundo para fazer cair em esquecimento tal sucesso. A escola Kleiniana (cit por Holmes, 2001)

refere a existência de um narcisismo ao qual dá o nome de destrutivo. Este pressupõe inveja e ódio patológicos que conduzem à tentativa activa de destruir o Outro, sendo apenas o “si próprio” autorizado a existir. Nicole Berry (cit por Vaz, 2006), baseada nos estudos de Winnicott, refere que tais comportamentos estão associados a sentimentos de existir e de identidade perturbados característicos de indivíduos narcisistas e o objectivo máximo é imortalizar o ser e a sua identidade. Britton (cit por Holmes, 2001), diz que nos casos de narcisismo destrutivo, o sujeito sente-se tão ameaçado pela existência de pessoas das quais depende e sente tanta inveja que, para manter a sua posição onnipotente, leva a cabo a eliminação imediata delas.

Lowen (cit por Azevedo, 2007) defende que o narcisismo é uma condição patológica em que há um deslocamento da identidade do *self* para a imagem. Isto quer dizer que, enquanto o normal seria uma saudável preocupação com a aparência para satisfação consigo mesmo, a condição patológica apresentar-se-ia como uma preocupação extrema com a imagem que se transmite aos outros, pois seria o olhar dos outros que reenviariam de volta a satisfação ao sujeito.

A causa do deslocamento que Lowen refere é defendida por Azevedo (2007) como estando relacionada a frustrações e ausências de reconhecimento do Outro durante o desenvolvimento, que forçam a libido a concentrar-se no Eu e, mais tarde, conduz o sujeito à procura incessante do reconhecimento que esteve ausente ou conflituante em estados mais precoces.

Na linguagem freudiana, uma das vicissitudes possíveis das pulsões é o Eu, em que o investimento pulsional em si mesmo compensa a pobreza e a inferioridade em que o mesmo foi construído e edificado (Freud, cit por Araújo, 2005). Na mesma direcção, Kohut (cit por Fuks, 2003) afirma que na causa da angústia sentida pelos narcisistas está quase sempre relacionado um trauma devido às falhas do objecto externo na satisfação das necessidades narcísicas aquando da sua formação, provocando pontos de fixação que forçam a libido a dirigir-se ao Ego para equilibrar os investimentos e a saúde psíquica. Apresenta ainda a ideia de que o narcisismo não é uma fase de um desenvolvimento contínuo, mas sim uma característica independente, com um desenvolvimento próprio, em que a formação de um narcisismo normal é essencial para uma vida bem sucedida, do ponto de vista das relações objectais.

“O narcisismo saudável tem início na receptividade acolhedora da mãe suficientemente boa, capaz de reflectir e devolver adequadamente os sentimentos da criança que constituem o núcleo do sí-próprio.”

(Winnicott, in Holmes, 2001)

Winnicott diz que os sentimentos e necessidades das crianças devem ser compreendidos e respondidos pelas mães, uma vez que eles constituem o núcleo da representação que a criança tem de si. A capacidade de estabelecer um padrão de vinculação seguro é fulcral para o

narcisismo, a auto-estima e identidade de si consistente porque, em idades precoces, tal ausência torna a criança ansiosa e com medo de rejeição. Devido a essa falta, a criança poderá culpabilizar-se e a achar em si causas que justifiquem o comportamento daqueles que não lhe asseguram as necessidades narcísicas. Por consequente, o ser humano pode formar uma imagem ou uma idealização de si que seja completamente diferente do que na verdade é para que, ao viver com essa idealização, obtenha o prazer e o reconhecimento que lhe falta.

Quando a realidade externa não é eficaz na edificação um Eu e de uma representação de si segura e confiante, as relações que o sujeito terá no futuro ficam comprometidas. Neste tipo de organização de personalidade a vivência de relação de objecto é singular e característica. Freud, nas suas investigações, descreveu uma escolha objectal narcísica, em que a obtenção de prazer é obtida nível do narcisismo secundário, através das relações objectais. A escolha do objecto seria em função do seu potencial para devolver uma satisfação ao nível do ego (Freud, 1992). Os critérios para a escolha desse objecto podem ser os seguintes: ver no Outro o que o sujeito é, o que outrora foi, o que gostaria de ser ou se esse Outro foi parte de si mesmo (no caso nas mães que investem totalmente no bebé). Em última instância, o objecto investido é sempre o Eu e estas são as formas de amar narcísico (Freud cit por Araujo, 2005). Os sujeitos vivem as relações desta forma, mas em proporções elevadas ao extremo. Este fenómeno explica o significado de quando se diz que o narcísico usa o outro como meio para atingir seus fins egoístas, demonstrando total ausência de empatia.

Para Bergeret (2000), o carácter narcísico é uma organização psíquica que pretende alcançar uma adaptação relacional, em que as relações de objecto são, na sua verdadeira essência, anaclíticas (de apoio). Embora as relações sejam, ao nível do consciente, uma procura de domínio em relação ao objecto para o sujeito se sentir poderoso e tornar visível a sua existência, o autor pretende transmitir que, ao nível do inconsciente (verdadeira essência), constituem a procura de uma fonte de apoio para corrigir a falta e superar as fraquezas. Um bom exemplo deste tipo de relações é os casos de violência doméstica: por vezes resultam de falhas narcísicas de maridos que, ao terem comportamentos agressivos para com a mulher, obtêm domínio e suprimem temporariamente inferioridades profundas (Fuks, 2003).

Casos como este demonstram a fúria narcísica de que fala Philippe Jeammet (cit por Fuks, 2003), que constitui uma necessidade de vingança (“fazer-te passar pelo que eu passei um dia”) e, uma vez que o sujeito sente a sua identidade ameaçada, os comportamentos agressivos fá-lo-ão obter o domínio e, posteriormente, um sentimento de existência ao olhar do outro. Bergeret (2000), refere ainda que as vivências relacionais são vividas de uma forma dependente em que a angústia narcísica (vivida inconscientemente) constitui um medo de perder o amor e a protecção do objecto.

Todos estes casos demonstram a não discriminação entre o objecto fantasiado e o objecto real, o que pode estar em função de que o objecto não é percebido como entidade separada, ou

porque não é reconhecido em sua alteridade, sendo apenas percebido como uma forma de suprimir falhas estruturantes – o que remete a experiências anteriores traumáticas de não suprimento das funções protectoras. Então, nas relações objectais narcísicas, o objecto viria a funcionar como um *self-objecto*, ou seja, como um substituto da estrutura psíquica reguladora de uma auto-estima ausente ou deficiente (Carneiro cit por Deretti, 2006). As características descritas revelam que no narcisista predomina mais o mundo fantasmático em detrimento do mundo real.

Deste modo, um sujeito com personalidade narcísica ou com traços narcísicos fortes constrói relações na base do que delas pode obter, e crê que o outro lhe dará grande dedicação e por isso tende a sobrecarregá-lo de trabalho sem considerar o peso que isso poderá causar. A única razão porque o narcisista se volta para os outros é para utilizar os seus defeitos e pontos fracos para se conseguir sobressair e superiorizar. É muito comum, para esse efeito, o sujeito narcísico projectar os defeitos que não tolera como sendo seus, lançando-os para fora de si como pertencendo aos outros (Kernberg cit por Silva, 2003).

Há muitos pontos de vista diferentes em relação à definição de narcisismo e sua perturbação. Para Alexandre Lowen, como já referido atrás, o distúrbio narcisista é a supervalorização da imagem em detrimento do *self*, forçando o sujeito a criar e manter uma imagem que lhe seja prazerosa, esquecendo a sua verdadeira essência e renegando os seus sentimentos íntimos (Lowen cit por Mariani, 2008). Posto isto, tal como no mito – Narciso não se apaixona por si mesmo, mas sim pelo reflexo da sua imagem – o sujeito narcísico busca em si mesmo um objecto amoroso, não reconhecendo as suas necessidades verdadeiras e profundas, o que no fundo é não se conhecer a si mesmo.

Segundo Glenn Gabbard (cit por Holmes, 2001), há dois modelos clínicos de narcisistas: os negligentes, que não compreendem os sentimentos dos outros, passam por cima deles com a sua egocêntrica arrogância, são exibicionistas e alimentam ideias de grandeza; e os hipervigilantes, que são tímidos, inibidos, auto-centrados e emocionalmente vulneráveis perante a rejeição e a crítica – qualquer contacto significa uma intrusão.

Outra dicotomia foi proposta por Abraham (cit por Holmes, 2001), ao referir-se a pacientes que apresentavam constante auto-insatisfação e estado ansioso permanente. Distinguiu narcisismo negativo de positivo, sendo-lhes comum a preocupação excessiva do indivíduo consigo próprio, embora o negativo envolvido com ódio de si mesmo em vez de amor-próprio. Em concordância com este autor, Bleichmar (cit por Fuks, 2003), refere que o funcionamento psicológico dos narcisistas distingue-se dos demais pelo seguinte aspecto: todas as actividades, pensamentos e significações, sentimentos ou relações de vínculo são vividos em termos qualitativos do sujeito. Logo, por um lado pode haver funcionamento psíquico que pretende potenciar e tornar visíveis as virtudes e superioridades do sujeito ou, por outro, um funcionamento psíquico baseado na ideia de que se é inferior e inseguro. Ainda relativamente ao

narcisismo negativo, Freud (cit por Holmes, 2001) diz, embora não usando esta nomenclatura, que as excessivas preocupações e crenças de desvalor teriam como causa a enorme discrepância entre o “si-próprio ideal” (corpo fantasmaticizado) e o “si-próprio real” (corpo real), resultante de disciplinas parentais severas, criadoras de superegos cruéis, o que também muitas vezes origina quadros clínicos de anorexia nervosa.

Importante é compreender que o narcisismo é diferente do egoísmo. Para os egoístas o mundo exterior é extremamente importante e há sempre tendência para tirar proveito dos objectos, enquanto o narcisista não se interessa pelo exterior nem pelos objectos, vivendo para si mesmo achando o exterior aborrecido e desinteressante (Wittles et al, 1994). Ele próprio é o mundo exterior dos outros. Por exemplo, nas relações amorosas, o outro parceiro é tratado como um objecto que serve de sustento à auto-estima (Casey & Kelly, 2007). Portanto, o narcisista apenas mantém contacto com o exterior capaz de lhe devolver o reflexo da sua própria imagem, dos seus próprios interesses e do seu próprio mundo.

Para efeitos clínicos, a DSM-IV-TR (2000) apresenta nove critérios da perturbação narcísica da personalidade, sendo necessários cinco dos mesmos para diagnóstico:

1) Sentimentos grandiosos de auto-importância, hipervalorização das suas capacidades e crença de que os outros assumem lhe assumem o mesmo valor (parecem gabarolas e pretensiosos);

2) Ruminação e preocupação com admiração, êxito, poder, beleza, amor ideal ou privilégios que julgam merecer;

3) Crença de que se é especial e único e que só os mais inteligentes com cargos importantes ou estatuto elevado conseguem compreendê-lo, por isso procuram unir-se e manter contacto com pessoas desse nível e evitando contacto com os sujeitos comuns;

4) Necessidade de admiração excessiva devido à fraca auto-estima, preocupando-se muito com o julgamento e opinião dos outros (esperam ser recebidos com grande aparato e ser alvo de inveja e caso não o sejam ficam surpreendidos);

5) Sentimentos de ser reverenciado e tratamento especial (por exemplo: assumem que não precisam de esperar numa fila porque as suas prioridades são as mais importantes; assumem que o seu trabalho é sempre o mais importante);

6) Esperam grande dedicação dos outros e utilizam-nas como meio para atingir os seus fins (por exemplo: sobrecarregam os outros de trabalho sem pensar no efeitos que isso possa causar; iniciam relações amorosas apenas se o outro estiver disposto a alimentar a sua auto-estima e a aceitar as suas condições);

7) Ausência de empatia e incapacidade de reconhecer os pontos de vista dos outros (visível em comentários desagradáveis e inapropriados), uma vez que assume que os outros se preocupam

e se concentram nele, e apenas reconhecem sentimentos e necessidades nos outros para os rebaixar ou tornar visíveis as suas vulnerabilidades;

8) Invejam os êxitos e posses dos outros e acredita que os outros também o invejam a ele;

9) Comportamentos arrogantes e atitudes altivas.

A DSM-IV-TR (2000) refere a extrema vulnerabilidade da auto-estima, a incapacidade de aceitação e humilhação perante crítica ou derrota, com consequentes comportamentos de desdém, raiva ou provocações. Aponta como principais aspectos negativos a diminuição de relações pessoais e contactos sociais, devido à intolerância do outro. Cruza ainda esta perturbação com casos de anorexia nervosa e consumo de substâncias, e associa-lhe também as personalidades histriónica, estado-limite, anti-social e paranóide.

“A personalidade anti-social está associada a um sentimento mais malévolos em relação aos outros, enquanto os indivíduos com perturbações narcísicas são bem dispostos (...), são menos impulsivos e menos emotivos que indivíduos com perturbação estado-limite, menos dramáticos que indivíduos com perturbação histriónica e são mais coesos e obtêm mais êxito do que os indivíduos com perturbação dependente.”

(Casey & Kelly, 2007, p. 167)

O diagnóstico é feito em adultos, uma vez que traços narcísicos durante a infância e adolescência ainda não são consistentes nem definitivos. A estimativa de prevalência destes quadros clínicos varia entre os 2 e os 16% na população psiquiátrica, e menos de 1% na população geral, dos quais 50 a 75% ocorrem em homens (DSM-IV-TR, 2000)

Ao nível sintomatológico, Kernberg (cit por Silva, 2003) descreve as principais manifestações narcisistas do seguinte modo: sentimentos de grandeza, egocentrismo extremo e total falta de empatia nas relações; inveja daquele que possui algo que eles não têm, que lhe super ou se tem prazer com a própria vida; incompreensão dos pontos de vista e sentimentos dos outros; desprezo pelos seus próprios sentimentos de tristeza e luto. Este último ponto é, para o autor, fundamental dos narcisistas e significa que, perante a perda, abandono ou decepção, embora o que se manifeste seja muito parecido com estados depressivos, quando analisados, revelam ser sentimentos de raiva e desejos de vingança e não uma tristeza devido à perda (Kernberg cit por Silva, 2003).

Ao nível cognitivo, o narcisista considera-se superior e único, e presume que os outros lhe atribuem o mesmo valor. O sujeito fica surpreendido e apreendido quando não recebe, por parte dos outros, o valor que julga merecer. Por isso, ele apenas quer estar rodeado de pessoas inteligentes e com altos cargos, capazes de reconhecer o seu valor, para que se sinta compreendido (Kernberg cit por Silva, 2003).

De acordo com Freud, os indivíduos com um funcionamento narcisista repetem comportamentos de engrandecimento de si, investem e acreditam na sua beleza, inteligência e na imagem que desejam mostrar ao outro a fim de obter seu elogio e veneração. Acreditam que são talentosos e especiais e apenas necessitam de um outro para que haja comprovação desses sentimentos, por via da admiração (Freud, cit por Vaz, 2006). Desejam ser o seu próprio ideal, buscando igualarem-se ao ego ideal narcísico. É muito comum os sujeitos com personalidades narcísicas manifestarem o facto de não terem ídolos, mas sim desejarem serem eles mesmos em seu melhor – torna-se evidente o quanto preferem a si mesmos e o quanto crêem em seu próprio talento especial (Vaz, 2006).

O sujeito narcisista não tem sentimentos por si próprio e esqueceu-se da sua própria essência. Esse estado em que vive torna-o vazio em si mesmo, forçando-o a sobrevalorizar a forma como o mundo o vê, como tentativa de preservar a sua coesão egóica (Azevedo, 2007). Pretende mostrar ao mundo aquilo que gostaria de ser e, para atingir esse fim, manifesta posturas atraentes e dominadoras, mostrando-se extremamente confiantes em si mesmo (Azevedo, 2007). Lowen (cit por Azevedo, 2007) refere até uma postura corporal erecta, relacionada ao orgulho sentido e ao seu carácter inflexível, como comportamento defensivo. Afirma também que são controladores, programadores dos seus comportamentos, insensíveis e extremamente confiantes na sua virilidade e no prazer que são capazes de oferecer às mulheres.

Charles Rycroft (cit por Holmes, 2001) aponta para uma tendência do narcisista tem para fazer de si próprio o ponto de referência, em torno do qual se organizar a experiência. Refere ainda que a fase de egocentrismo é um acontecimento natural do desenvolvimento, mas quando persiste na idade adulta torna-se contra adaptativo e objecto de reprovação; em certa fase do desenvolvimento deve-se sofrer a perda narcísica, para atingir o altruísmo e a capacidade de reconhecer do ponto de vista dos outros.

Para se conhecer verdadeiramente o narcisista é necessário compreender que por detrás de todas as suas manifestações estão sentimentos de profundo vazio, insignificância e inferioridade (Kernber cit por Holmes, 2001). Os aspectos patológicos do narcisismo levam a um egocentrismo implacável que faz o sujeito se dirigir aos outros como meios úteis para os seus fins, manifestando-se uma total falta de empatia, inveja e negação da importância do Outro. O sujeito narcisista age como um espectador de si mesmo, mais motivado pelo medo do fracasso do que pela obtenção de sucesso, não tolerando a derrota, perda ou ofensa à sua vaidade. Quando ocorre qualquer um destes aspectos, ele comporta-se de maneira arrogante, agressiva, sádica e fria (Volpi, cit por Mariani, 2008). Mollon (cit por Holmes, 2001) aponta para a mesma característica dando-lhe o nome de vulnerabilidade narcísica, em que por detrás do mundo de superioridade e importância, há sentimentos de insignificância e inferioridade que, confrontados com pequenas desatenções ou rejeições, emergem de forma excessiva.

Desta forma, o narcisismo patológico não consiste em excesso de amor-próprio, mas sim na sua falta crónica, levando o indivíduo a realizar esforços insaciáveis para substituir essa falta pela admiração externa. O défice narcisista produz assim um Ego constantemente ameaçado pela desintegração e por uma sensação de vazio interior (Deretti, 2006). Este é a verdadeira ambivalência narcísica: o indivíduo considera-se demasiado importante e nos momentos em que a realidade não lhe traz provas disso, surge o sentimento de não ser nada, daí necessitar de constantes confirmações daquilo que idealiza de si. Horney (cit por Vaz, 2006). Conforme afirma Berry (cit por Vaz, 2006), quando os sentimentos de existência e identidade são instáveis, fazem com que o indivíduo invista em si próprio a fim de obter o sentimento de existência.

“Quanto menos alienado e mais dependente destas relações objectais narcísicas, mais carente e mais aprisionado o sujeito é pelo olhar do Outro, levando a atitudes limite para ser um ideal de Eu perfeito aos olhos dos outros.”

(Araújo, 2005, p. 7)

Nesta perspectiva, o narcisismo é um traço de personalidade que deve ser visto como uma característica quantitativa – quanto maior ou menor o grau de alienação em relação ao investimento que retorna do Outro em direcção ao Eu, maior ou menor a dependência pela aceitação e admiração do Outro.

CONCLUSÃO

Os traços e organizações de personalidade são estruturas psíquicas de funcionamento enraizados, pelo que são muito difíceis de controlar e contrariar. Quando se tem uma personalidade com traços narcísicos, um dos piores factores opostos à cura é o facto de o sujeito negar o seu problema e rejeitar qualquer ajuda. A abordagem clínica deste tipo de perturbações é demorada e com bastantes dificuldades, destacando-se a forte resistência por parte do sujeito, e a especial atenção que o psicólogo ou psicoterapeuta deve ter para não ferir a susceptibilidade narcísica que é muito sensível (Deretti, 2006).

Conclui-se que a tensão sentida neste tipo de personalidade é a angústia de insuficiência em relação aos ideais internos e às exigências externas e que, devido a esta, o consciente adopta mecanismos de defesa e mecanismos para construir uma representação de si que diminua esse sofrimento narcísico, vivendo, tal como Narciso, sem se conhecer a si próprio. O funcionamento psíquico desta perturbação deixa de ser visto como uma exuberância narcísica manifesta e passa a ser compreendido, na sua verdadeira essência, como uma própria falha narcísica latente que faz o sujeito procurar incansavelmente contacto com o seu Eu idealizado para fins compensatórios e de preservação da sua insegura identidade e sua saúde mental.

REFERÊNCIAS

American Psychology Association. (2000). DSM-IV-TR. Climepsi editores.

Araújo, J. (2005). Narcisismo e relação narcísica de objecto. retirado de <http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias/17743>

Azevedo, S. (2007). Em busca do corpo perfeito: *um estudo do narcisismo*. Curitiba, Centro Reichiano

Bergeret, J. (2000). A personalidade normal e patológica. Climepsi editores, Portugal

Braconnier, A (2000). Psicologia dinâmica e psicanalítica. Climepsi editores, Portugal

Casey, P. & Kelly, B. (2007) Fish: *psicopatologia clínica: sinais e sintomas em psiquiatria*. 3ª edição, Libri-faber

Deretti, L. (2006). A transferência no paciente narcisista. Universidade do vale do rio dos sinos, Porto Alegre

Freud, S. (1992). Sigmund Freud: *obras psicológicas*. Imago Editora, Rio de Janeiro

Fuks, C. (2003). Transtornos narcísicos: *considerações sobre a violência*. Estados gerais da psicanálise: segundo encontro mundial. Rio de Janeiro, Brasil.

Holmes, J. (2001). Narcisismo. Almedina, Portugal

Macedo, M. (2005). Neuroses: *leituras psicanalíticas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2ª edição, Brasil

Magalhães, M. (2004). Narcisismo primário e o desejo. *Revista de psicanálise: pulsional*. XVII, Junho. artigo 178, p. 52-61.

Mariani, S. (2008). *Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a óptica de Alexander Lowen*. Curitiba: Centro Reichiano, Brasil

Roriz, O. (2006). Escolhas de objecto e relações amorosas na actualidade. Universidade católica de Goiás, Goiânia.

Silva, S. (2003). O cristão e o narcisismo: “*espelho, espelho meu: há alguém mais belo do que eu?*”. *Revista Teologia Hoje*, volume 1, nº 1, artigo 3

Vaz, C. (2006). *Tudo pela fama: idealizações narcísicas na contemporaneidade*. Universidade de Brasília, Brasil.

Wittels, F., Jeniffe, S., Glueck, B., Baret, E., Myerson, A., Ficke, A. & Lovett, R. (1994). *O sexo e a psicanálise: coleção da cultura sexual*. Editorial Calvino Limitado, Rio de Janeiro, Brasil.